

A concluir (p. 321) – e após a análise de outros temas interessantes, como o da emigração e seu papel, no passado e no futuro –, o autor deixa uma palavra de apreensão, mas também de esperança. Assim, escreve Samuel P. Huntington: «O futuro da paz e da civilização dependem da compreensão e cooperação entre os líderes políticos, espirituais e intelectuais das maiores civilizações do mundo [...]. Na era emergente, choques de civilizações são a maior ameaça à paz mundial, sendo uma ordem internacional, baseada nas civilizações, a mais segura salvaguarda contra a guerra mundial».

Como se deduz do que, sumariamente, se acaba de expor, a leitura da presente obra é deveras estimulante e apresenta inúmeros motivos para reflexão. O autor, socorrendo-se de uma vasta cultura (a vários níveis: história política e sociologia, economia, política internacional, história militar e geoestratégia, história das religiões, etc.), reflecte e leva-nos a reflectir sobre algumas das questões mais candentes desta transição, do segundo para o terceiro milénio. Obviamente que as suas teses – como, aliás, todas – serão discutíveis. Porém, as reflexões críticas que faz, os cenários que conjectura e as estreitas relações, entre passado, presente e futuro, que se esforça por esclarecer, constituem um contributo positivo para uma área de investigação ainda relativamente nova, baptizada de “Futures Research” (T. Harrell Allen, *New Methods in Social Science Research. Policy Sciences and Futures Research*, Nova Iorque, Praeger Publishers, 1978). Trata-se, basicamente, de «qualquer actividade que aumente a nossa compreensão acerca das consequências futuras das decisões tomadas no presente e das respectivas políticas» (T. Harrell Allen, *op. cit.*, p. 75).

Para terminar, apenas uma sugestão e um voto: que, entretanto, alguma instituição ou editora promova a tradução da presente obra, para que se torne acessível a um público mais vasto. Espero que não lhe suceda o mesmo que a outras, verdadeiramente clássicas (de autores como, entre outros, Colin Clark, T. S. Kuhn ou Arno Mayer), cuja tradução, em Portugal, nunca se chegou a concretizar.

*José Amado Mendes*

Viviane FORRESTER, *Horror Económico*, Lisboa, Terramar, 1997, 179 p.

Se, após a leitura do livro *Horror Económico*, me fosse perguntado, qual a sensação que dele me restava, responderia, sem hesitação, que me sentia como se tivesse sido permanentemente abanado. Este livro não deixa, de facto, ninguém indiferente. A cada passo, a autora agarra e provoca o leitor, com base num dis-

curso totalmente novo, denunciando, sobretudo, os discursos económicos, que nos habituaram a ver a sociedade actual como o limite do possível.

Trata-se, portanto, de um livro que entra no mundo da economia, mas que foge declaradamente ao discurso “economês” habitual – até porque Viviane Forrester não é economista, mas sim uma prestigiada romancista e ensaísta francesa. A intenção da autora apresenta-se clara, desde o início do livro: fazer a denúncia da sociedade actual e do discurso dominante sobre si mesma. Alertando para o facto de termos atravessado «uma revolução sem disso nos apercebermos» (p. 22) e de continuarmos a utilizar os mesmos conceitos como se nada se tivesse passado. Segundo a autora, apesar dessa «revolução radical, muda, sem teorias declaradas, sem ideologias confessadas», as autoridades responsáveis pela condução do mundo continuam a aceitar e a manter as “velhas” respostas, como por exemplo para o desemprego, como se tudo permanecesse igual. Porém, a realidade é bem diferente; «vivemos no meio de um logro colossal, de um mundo desaparecido que algumas políticas artificiais pretendem perpetuar. Os nossos conceitos de trabalho e conseqüentemente de desemprego – em torno dos quais gira (ou pretende girar) a política – já não têm substância: são milhões de vidas destruídas, são destinos aniquilados por este anacronismo» (7-8).

No entender de Viviane Forrester, não se trata apenas de continuar a existir exploração, sempre houve exploração, ao longo da história, como é sabido. O que este livro denuncia veementemente é o facto de no passado a exploração assentar em limites que lhe eram impostos em virtude do trabalho ser indispensável aos que detinham o poder. Ora, o que hoje emerge como totalmente novo é o facto de o trabalho se ter tornado elemento dispensável e, quantas vezes, um estorvo (p.160). E, ainda neste mesmo sentido, acrescenta Viviane Forrester: «Qualquer que tenha sido a história da barbárie ao longo dos séculos, até hoje o conjunto dos seres humanos sempre beneficiou de uma garantia: ele era essencial ao funcionamento do planeta, como à produção, à exploração dos instrumentos do lucro, de que fazia parte (...). Hoje, pela primeira vez, a massa humana já não é materialmente necessária, e menos ainda economicamente (...)» (p.160-161).

Vivemos, portanto, na opinião da autora, um novo paradigma, onde só por inconsciência ou hipocrisia se mantêm respostas “velhas”. Tais como, por exemplo, continuar a utilizar-se conceitos como emprego / desemprego e trabalho como se nada se tivesse passado entretanto, quando já estamos em presença de um novo modo de civilização, cuja lógica radica precisamente na progressiva supressão do emprego, ou mesmo na extinção da vida assalariada.

É precisamente com base nesta fundamentação que, ao longo de todo o livro, a autora denuncia todos os que, nas condições actuais, se prestam a alimentar o sonho do emprego para todos, quando é sabido que o desemprego é algo de estrutural e endémico. Não ter consciência deste facto é, na opinião de Viviane Forrester, continuar a perpetuar a ideologia dominante. E, tanto mais grave, quanto

«a origem do perigo não é tanto a situação – ela podia ser modificada –, mas mais precisamente a nossa aquiescência cega, a resignação geral face ao que nos apresentam em bloco como inelutável» (p. 51).

Ou seja, a nossa aparente apatia perante a evolução da sociedade actual – que, como recorda amiúde a autora, não se trata de uma crise, mas de uma profunda mutação civilizacional – só é compreensível pelo facto de um poderoso manto ideológico, extraordinariamente difícil de contestar, esmagar na hora quem quer que ouse colocar em causa coisas tão simples como «as leis da concorrência, da competitividade, ou o ajustamento às regras económicas internacionais» (p. 38). Perante isto, adverte a autora, «ai de quem insinuar que o trabalho está assim submetido, mais do que nunca, ao bel-prazer da especulação, ao dos decisores de um mundo tido como rendível a todos os níveis, num mundo reduzido a tornar-se, na sua globalidade, numa vasta empresa – não necessariamente dirigida, de resto, por responsáveis competentes» (p. 38).

É, quanto a nós, na denúncia desta espécie de pensamento único, que parece tornar tudo fatalidade, levando a cair no ridículo os que o ousam enfrentar que, por certo, reside o enorme êxito deste livro. Viviane Forrester teve a lucidez suficiente para transmitir por palavras aquilo que muitos pensavam em surdina. Talvez resida aqui o extraordinário êxito de vendas deste livro que, em pouco tempo, se transformou no livro mais vendido em França e, mesmo em Portugal, bastaram dois meses para atingir a terceira edição.

Por tudo isto (e muito mais), *Horror Económico* é um livro que se recomenda a todos os que, preocupados ou interessados com o mundo de hoje, não esquecem que o futuro será sempre aquilo que, em cada momento, sonharmos que ele poderá vir a ser.

*António Rafael Amaro*